

Falso romance na última ceia

■ Suposto jantar de reconciliação era uma cilada

CELSON FRANCO

BRASÍLIA — A morte de Ana Elizabeth estava encor-mendada desde julho de 1992, quando José Carlos Alves dos Santos contratou Lindauro da Silva. O primeiro passo do detetive particular foi abrir a cova onde enterraria sua vítima. Seguiu, então, Ana Elizabeth por quatro meses. Tinha medo de matá-la, conforme confessou à polícia na última quarta-feira. Tinha medo também de morrer. Acreditava que José Carlos poderia eliminá-lo, se não cumprisse a missão. Durante todo esse tempo, de julho a novembro, a cova ficou exposta ao tempo, à espera do corpo.

Cansado de esperar Lindauro, que não se dispunha a matar sua mulher, José Carlos Alves dos Santos resolveu tomar a frente da situação e preparou, com os cuidados de um amante experiente, a última ceia de Ana Elizabeth. Convidou-a para jantar no Les Versailles — um restaurante de luxo em Brasília. Antes, ofereceu-lhe a perspectiva de abandonar seu trabalho na Comissão de Orçamento e de



Morte de Ana Elizabeth foi contratada por José Carlos em julho

deixar a amante, Crislene de Oliveira. "Nós vivíamos nossa melhor fase", disse José Carlos duas semanas atrás, na CPI da Pistola-gem, ao falar do desaparecimento de Ana Elizabeth Lo-frano dos Santos.

Na CPI, José Carlos contou dos planos que os dois faziam de viajar para o exterior e tal-

vez de morar durante alguns anos na Europa. Disse do par de alianças que comprara no Natal de 1991, como símbolo de uma nova fase na vida do casal. Era um par de alianças finas, modernas. "Eu sempre guardava o nosso presente — meu e da Beth — para o final", disse aos integrantes da CPI.